

Com toda sua experiência de palco, o ator Rodolfo Vaz domina totalmente a cena na montagem de *Antes do silêncio*, dirigida por Eid Ribeiro e em cartaz na Funarte

# Uma nova dimensão

MARCELLO CASTILHO AVELLAR



Há muito o legado principal do escritor irlandês Samuel Beckett (1906-1989) deixou de ser o conjunto de seus textos. Beckett nos deixou um

modo de pensar a arte, ao qual chamamos "beckettiano", que, se inclui suas peças de teatro ou criações em prosa, vai além delas ao definir todo um território de olhares possíveis ao homem moderno sobre seu mundo. Um espetáculo como *Antes do silêncio* só pode existir e ter sentido por causa dessa dimensão que Beckett adquiriu na construção de nosso imaginário contemporâneo.

A história de Sam (Rodolfo Vaz) e Lulu (Kelly Crifer) aproxima-se do enredo de obras como a novela *Company*, de Beckett, mas não corresponde a ela, ou a nenhuma outra que o autor tenha criado. Não importa. Estamos diante dele. Vemos no palco seu mundo desenganado, onde as pessoas só parecem ter suas histórias, verdadeiras ou falsas (que a distinção lá é impossível), para protegê-las da insuportável sensação de serem nada. Sentimos o tempo todo sua poesia, não apenas nos diálogos, mas no estado constante de deslo-

camento das personagens, sua condição de serem estrangeiras em seus próprios corpos.

O diretor do espetáculo, Eid Ribeiro, não é novato no universo beckettiano. Sua nova investida no território é quase uma releitura de suas próprias ideias sobre ele. Para personagens incapazes de se comunicar, um espaço onde tudo parece estar fora do lugar, ou seja, onde nenhum objeto está no lugar onde usualmente acreditaríamos encontrar ele seu significado. Para um mundo sem perspectivas, uma cena que parece ignorar completamente a realidade fora dela, que parece claustrofobicamente fechada em si mesma, obrigando as personagens a tentar ser inteiras, completas apenas ali.

O resultado pode produzir curioso paradoxo no sentimento dos espectadores. Por um lado, é triste, opressivamente triste, com uma daquelas tristezas capazes de apertar o coração. Por outro lado, é leve, divertido, apto a nos fazer sair do teatro prontos a enfrentar o mundo, por mais que ele seja trágico e solitário como o mundo de Sam e Lulu. Se a tristeza vem da claustrofobia, do caráter sombrio da cena e do que ela representa, a leveza e o humor nascem do choque entre este caráter e a poesia abundante,

presente não apenas no texto, mas nas personagens e em sua inadequação ao mundo onde vivem (onde vivemos?).

No elenco, ligeiro desequilíbrio. Rodolfo Vaz é onipresente. Não importa se está sozinho em cena ou com Kelly Crifer, a impressão que temos é de que ele está em todos os lugares, sua voz está em todos os lugares, seu olhar também, seu gesto ocupa todos os espaços. É dele o tom de *Antes do silêncio*. Uma questão de idade, de maturidade no palco – ela é mais jovem e inexperiente. A maneira como Rodolfo conquista nossa atenção o tempo todo faz com que seja mais fácil ver o mundo da perspectiva de Sam que do ponto de vista de Lulu. O que não chega a prejudicar o espetáculo, mas lhe dá nova dimensão: o universo beckettiano em *Antes do silêncio*, além de declarar a incapacidade de qualquer discurso no sentido de fazer felizes suas personagens, ainda estabelece hierarquias de infelicidade entre elas.

## ANTES DO SILÊNCIO

Funarte (Rua Januária, 68, Floresta), até dia 31, de quinta-feira a sábado, às 21h, e aos domingos, às 19h. Ingressos a R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia). 16 anos.